

Boletim
Estudos
Clássicos



Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra

DEZEMBRO 2007

EURÍPIDES, O MAIS TRÁGICO DOS POETAS (IV)

O crítico das instâncias democráticas. O sistema judicial

Cinquenta anos passados sobre a apresentação da *Oresteia* esquiliana, que celebrava a fundação de uma justiça superior e pacificada, Eurípides, no seu *Orestes*, propõe-se denunciar a fragilidade de um sistema, que parece agora alheio ao rigor e sujeito às flutuações do acaso; depois de retirar do espaço onde a justiça se move a vontade divina, o poeta confia aos homens a gestão do processo, dependente, antes de mais, da opinião pública e do juízo dos cidadãos. É claro, na opinião comum, que a tendência das instâncias arbitrais em voga pende para a radicalização, mais propensas a condenar do que a absolver. Condiionadas por múltiplos factores, pessoais e colectivos, as massas mostram-se propensas a uma severidade incontrolável, onde talvez encontrem uma forma de autoridade, que se não impõe pelo prestígio, mas pelo temor de um arbítrio sem princípios nem lei. Antes ainda que o julgamento paradigmático de Orestes ocorra, que se aduzam argumentos e se avaliem razões, todos têm por adquirida a condenação à morte, como se faltasse apenas decidir o modo de execução da pena máxima. De volta da assembleia que apreciou o caso, um mensageiro confirma, antes do relato de outros pormenores, os piores receios que afligem os filhos de Agamémnon: ‘Por decisão dos Pelasgos, ao teu irmão e a ti, infeliz, foi decretada, para hoje mesmo, a condenação à morte’.

Testemunha directa da reunião em que esteve presente, o mensageiro retrata uma multidão, agitada por algo que parecia mobilizá-la como a ameaça de um ataque inimigo (875-876). A própria dúvida sobre os motivos que justificam a emoção colectiva só serve para salientar os extremos a que um caso, mobilizador pelos seus contornos, pode levar a atenção pública; trata-se afinal de um matricídio, dentro de uma família em evidência, onde um príncipe, que se aproxima como imagem de sofrimento e de loucura, enfrenta a pena de morte. Uma ementa de excelência para a gula popular, de escândalo e de excesso publicitário. O recinto, a abarrotar de gente (884), é disso mesmo a prova indesmentível. O que esperar da vontade soberana de uma tal multidão, investida do direito supremo de julgar? Tudo depende dos

que são capazes de lhe conduzir as emoções, os seus chefes, os demagogos. Não há, como é evidente, rigor nem escrúpulo na máquina em que a cidade delega a justiça; tudo depende de vontades imprevisíveis, onde o acaso determina o desfecho dos acontecimentos (780).

Mas por este mensageiro é comunicado a uma Electra expectante não só o resultado – condenação à pena de morte –, como também o retrato da sessão da assembleia que o produziu. Várias foram as vozes que se manifestaram na controvérsia desenfreada do debate público. Taltíbio, o arauto tradicional ao serviço dos Atridas, usou da palavra em primeiro lugar (887-897). Perito na ambiguidade, esforçou-se na subserviência aos poderosos, obrigado, em nome desse objectivo, a sucessivos paradoxos: apesar de louvar Agamémnon, a quem servira na guerra, contestava a vingança executada por Orestes, para piscar o olho aos amigos de Egisto, vítima do mesmo acto que eliminou Clitemnestra. Acusando Orestes de abrir um precedente grave, não propôs nem sentença nem pena, cauteloso em evitar posições vinculativas. Em contraste com a sua intervenção, seguiu-se a de Diomedes (898-902), protótipo do aristocrata tradicional, companheiro de armas de Agamémnon e representante da velha guarda de espírito feudal. A sua proposta comportava a rejeição da pena de morte e contrapunha-lhe o exílio, para o autor material do crime e para a sua cúmplice, no cumprimento de uma antiga lei. Perante um auditório que se dividia, ergueu-se a voz anónima de um demagogo, paradigma de um tipo em moda (902-916): língua solta e audaciosa, ascendência desconhecida, orador sem escrúpulos disposto a todos os argumentos para influenciar a turba. A solução que propôs foi a pena máxima, morte por lapidação. A ele seguiu-se, de novo em contraste flagrante, um lavrador (917-930); rústico, antiquado, alheio às novidades urbanas no aspecto e na rigidez de princípios, a sua proposta recuou aos limites épicos, na defesa do pai e do guerreiro. E ei-lo a propor para Orestes uma condecoração, como defensor de um homem distinto contra a pecha do adultério feminino.

Orestes, o matricida, e a sua cúmplice viam cumpridos os seus piores receios e lavrada a sentença de morte, sem apelo, contra o seu acto. Não porque essa fosse a pena correcta, após um juízo rigoroso, mesmo se severo, para um acto extremo. Mas apenas porque para o abismo os atirou o vendaval furioso da vontade popular, um anónimo mesclado, emotivo e imprevisível. Em vez da paz de espírito que a absolvição lhes teria trazido, ou mesmo a contrição exemplar que uma condenação esclarecida não deixaria de impor, na alma cavou-se-lhes mais fundo um ódio, trazido por um sentimento de

exclusão, injustificada face à clareza da lei. Em vez de um desfecho, a sentença de morte votada em Argos fomentou o desejo de vingança e aliciou para uma repetição, que se adivinha insaciável, os homicidas.

Orestes 884-945

ΑΓΓΕΛΟΣ

Ἐπεὶ δὲ πλήρης ἐγένετ' Ἀργείων ὄχλος,
κῆρυξ ἀναστὰς εἶπε· Τίς χρήζει λέγειν,
πότερον Ὀρέστην καταναεῖν ἢ μὴ χρεῶν,
μητροκτονοῦντα; 885

Κἀπὶ τῷδ' ἀνίσταται
Ταλθύβιος, ὃς σῶ πατρὶ συνεπόρθει Φρύγας.
Ἔλεξε δ', ὑπὸ τοῖς δυναμένοισιν ὦν αἰεὶ,
διχόμυθα, πατέρα μὲν σὸν ἐκπαγλούμενος,
σὸν δ' οὐκ ἐπαινῶν σύγγονον, καλοῖς κακοῖς 890
λόγους ἐλίσσω, ὅτι καθισταίη νόμους
ἐς τοὺς τεκόντας οὐ καλοῦς· τὸ δ' ὄμμ' αἰεὶ
φαιδρωπὸν ἐδίδου τοῖσιν Αἰγίσθου φίλοις. (...)

Ἐπὶ τῷδε δ' ἠγόρευε Διομήδης ἄναξ.
Οὔτος κτανεῖν μὲν οὔτε σὲ οὔτε σύγγονον
εἶα, φυγῇ δὲ ζημιοῦντας εὐσεβεῖν. (...) 900

Κἀπὶ τῷδ' ἀνίσταται
ἀνὴρ τις ἀθυρόγλωσσος, ἰσχύων θράσει,
Ἀργεῖος οὐκ Ἀργεῖος, ἠναγκασμένος,
θορύβῳ τε πίσυνος κάμαθεὶ παρρησίᾳ, 905
πιθανὸς ἔτ' αὐτοὺς περιβαλεῖν κακῶ τι. (...)

Ἄλλος δ' ἀναστὰς ἔλεγε τῷδ' ἐναντία,
μορφῇ μὲν οὐκ εὐωπός, ἀνδρεῖος δ' ἀνὴρ,
ὀλιγάκις ἄστου κάγορας χραίνων κύκλον,
αὐτουργός— οἷπερ καὶ μόνοι σώζουσι γῆν — 920
ξυνητὸς δέ, χωρεῖν ὁμόσε τοῖς λόγοις θέλων,

ἀκέραιος, ἀνεπίπληκτον ἡσκηκῶς βίον·
ὃς εἶπ' Ὀρέστην παῖδα τὸν Ἀγαμέμνονος
στεφανοῦν, ὃς ἠθέλησε τιμωρεῖν πατρί,
κακῆν γυναῖκα κάθεον κατακτανῶν, 925
ἢ κεῖν' ἀφήρει, μὴθ' ὀπλίζεσθαι χέρα
μήτε στρατεύειν ἐκλιπόντα δώματα,
εἰ τᾶνδον οἰκουρήμαθ' οἱ λελειμμένοι

φθειρουσιν, ἀνδρῶν εὐνιδας λωβώμενοι. (...)
 νικᾷ δ' ἐκεῖνος ὁ κακὸς ἐν πλῆθει λέγων,
 ὅς ἠγόρευσε σύγγουον σέ τε κτανεῖν.

945

Mensageiro – Logo que a assembleia ficou a abarrotar de gente, o arauto levantou-se e proclamou: ‘Quem quer usar da palavra para dizer se Orestes merece ou não a morte pelo matricídio que cometeu?’

Aí levantou-se Taltíbio, que colaborou com o teu pai no saque da Frígia. Sempre subserviente aos poderosos, usou de uma argumentação ambígua; por um lado reverenciando o teu pai, sem deixar de reprovar o teu irmão – num discurso em que a censura se misturava com o elogio – por abrir um mau precedente nos deveres para com os pais. E entretanto não parava de piscar o olho aos amigos de Egisto.

A seguir ergueu-se o rei Diomedes. Esse discordava da pena de morte, para ti e para o teu irmão, e defendia o exílio como uma solução piedosa.

Foi então a vez de se levantar um sujeito de língua desenfreada, de uma audácia destemida, um Argivo sem o ser, cidadão à força. Confiante no estrondo e na frontalidade grotesca da linguagem que usava, mostrou-se persuasivo que baste para atirar os presentes para alguma desgraça.

Logo se ergueu um outro sujeito para o contradizer. De aparência não seria atraente, mas era um tipo determinado, sem grande contacto com a cidade e com o círculo da vida pública – via-se que era lavrador, daquele género dos que só por si podem salvar esta terra -, um sujeito prudente, disposto a intervir numa discussão, um homem íntegro, com uma conduta impecável: ‘Que Orestes, o filho de Agamémnon’ – disse ele – ‘receba uma condecoração. Agiu no propósito de vingar o pai, pelo assassínio de uma mulher culpada e ímpia, daquelas que tiram aos homens o desejo louvável de pegar em armas e de partir em campanhas longínquas, se os que ficam para trás desonram as guardiãs das casas e corrompem as esposas dos heróis’.

Mas a vitória foi para aquele parlapatão que, perante a assembleia, reclamava a morte contra o teu irmão e contra ti.

M. F. S. S.